

Este insuperável atrazo...

Devido ao movimento grevista que atingiu a tipografia onde é composta e impressa «A Voz de Loulé», tivemos que fazer hoje a expedição conjunta do n.º 540 e 541, do que pedimos desculpa aos nossos prezados assinantes.

(Avença)



QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXII (Preço Avulso 2\$00)	19.6.74 N.º 540	Delegação em Lisboa R. Passos Manuel, 102-5.º-Dt. Telef. 56 27 59	Composto e Impresso CARLOS MARQUES, SARL Rua Dr. Augusto Barreto, 11 a 19 Telef. 2 40 24/5 B E J A	DIRECTOR E PROPRIETARIO José Maria da Piedade Barros	Redacção e Administração GRÁFICA LOULETANA Rua da Carreira Telef. 6 25 36 LOULÉ
----------------------------------	--------------------	---	---	---	--

Não estraguem a Revolução

O surto de greves que, após o 25 de Abril estourou por todo o país, deu ao mundo a ideia que em Portugal se tinha instaurado uma «Democracia Carnavalesca».

Na realidade que outra ideia poderão fazer os estrangeiros que já estão habituados a greves mas que sabem porque as fazem e como devem ser feitas?

É que, assim, de repente Portugal ficou sendo considerado o único país no mundo onde as greves se fazem por empresas, o que provoca fortes reacções em cadeia, contribuindo para arruinar uma Nação de tão débil economia como é a nossa. Basta pensar nesta coisa simples que é fazer-se uma greve numa fábrica de parafusos e as exigências salariais serem de tal forma elevadas que provoquem um aumento de custo dos parafusos.

Ora se esses parafusos chegarem ao mercado mais caros do que os parafusos duma firma concorrente não atingida pela greve, é evidente que os parafusos mais caros não se vendem e a produção diminui, o desemprego é evidente.

Ora isto é um exemplo tão simples que não é preciso ser-se economista para o compreender.

Claro que estas coisas não se dizem na imprensa, nem na televisão, nem na rádio, pois agora só interesse é que é preciso ga-

● Continua na 8.ª pág.

A C. P. serve mal Loulé

UMA ANOMALIA QUE DEVE ACABAR

A circunstância de Loulé se situar a 5 quilómetros da estação de caminho de ferro tem sido ponto de discórdia e de grandes reivindicações ao longo de quase 100 anos.

Foi um erro tremendo contra o qual nos parece inútil protestar, pois já não acreditamos que seja possível trazer a linha férrea até Loulé, dado que a mobilidade de transporte rodoviário

ultrapassou os anacrónicos comboios.

Portando, não vimos pedir que se faça o desvio da linha férrea. O que precisamos é que os novos administradores da C. P. se debruçam sobre os gravíssimos erros de um magistático grupo de indivíduos que orientavam os caminhos de ferro em Portugal... pensando nas suas conveniências pessoais.

E para nos certificarmos da péssima organização da C. P. basta reparar que apesar da constante movimentação de comboios, a mercadoria que transportam chega a demorar semanas para atravessar este «grande país» de Norte a Sul!

E para que tudo se complique, existem 3 expedições distintas: tarifas, pequena e grande velocidade, o que só serve para esturvar o mecanismo do andamento dos vagões. Estes andam, param, andam e tornam a parar, conforme a carga que transportam... para se encontrarem em determinada estação e daí ramificarem para outras estações,

Continua na 4.ª pág.

Os benefícios do Tabaco

(Ler página 5)

Um problema que é preciso debater

Ainda «Evora, capital do Algarve?»

O «Jornal Prolar» (propriedade dos Est.º Teófilo Fontai-nhas Neto, SARL, de S. Bartolomeu de Messines) transcreveu, na íntegra, em seu último número, o nosso artigo de 4 de Abril,

que que se intitulava «ÉVORA, Capital do Algarve?»

O problema focado no nosso editorial dessa data foi, modo geral, bem aceite pela população algarvia, como corolário duma

dura e agreste verdade que de forma alguma os habitantes e naturais da zona mais meridional do país poderão aceitar, tal o esmagamento, propositado ou não, a que vêm sendo sujeitos e, por tal forma, amesquinados.

Ninguém poderá querer mal aos algarvios por pugnarem pela defesa dos interesses da sua região e, na impossibilidade de ditar leis justas que se amoldem ao figurino das necessidades pre-

Continua na 4.ª pág.

O problema do divórcio

Antes do 25 de Abril era tabu falar-se publicamente acerca do divórcio. Depois dessa data o problema tem sido largamente debatido e parece-nos que se justifica.

A gravidade da anormalidade da vida social de muitos milhares de indivíduos que em Portugal fracassaram no casamento, merece que o problema seja debatido em profundidade.

Pelas profundas implicações sociais e pelo longo caminho que

● Continua na 7.ª pág.

MAIS UMA UNIDADE INDUSTRIAL PARA LOULÉ

Loulé vai abrindo, de par em par, as portas para um futuro marcadamente industrial que muito nos agrada citar.

O aspecto tradicionalmente agrícola do seu concelho, vai perdendo a mancha homogénea da agricultura infezada e pobre de muitos anos e parece querer finalmente descolar e elevar-se da base ancestral do seu artesanato, figurino duma indústria caseira que tende desmoronar-se, em troca do ritmo célere das máquinas industriais que transformam, em pão e riqueza, o esforço dos homens.

Agora é a cerveja que vem dar a Loulé o contributo para uma nova fisionomia industrial pelas mãos da IMPERIAL — União Cervejeira Portuguesa,

SARL, que, na nossa terra, ganha raízes para um grande empreendimento.

Localizada no sítio da Franqueada, a nova unidade industrial investirá na 1.ª fase da sua construção um valor global da ordem dos 150 000 contos, recebendo assistência técnica de um dos mais conhecidos grupos industriais.

Com a modelação do terreno já praticamente concluída, com os acessos e arruamentos em fase de construção e as sapatas e pilares de alguns edifícios já betonados, a IMPERIAL prevê para 1 de Agosto do corrente ano a montagem do equipamento industrial, cuja origem é nacional,

● Continua na 4.ª pág.

Incêndio em Vilamoura avisa:

OS BOMBEIROS DE LOULÉ LUTAM COM DIFICULDADES

Deflagrou, há dias, junto às obras das fundações e dragagens da marina de Vilamoura, um violento incêndio, provocado, segundo se julga, por uma faúlha de maçarico de soldagens.

Perto das chamas, um barracão onde se armazenam os combustíveis e lubrificantes esteve em vias de ser atingido pelas labaredas, chegando a temer-se uma explosão.

Ao fim duma hora de intenso trabalho, os Bombeiros Municipais de Loulé, sob o comando do nosso amigo sr. Carlos Filipe Leal, conseguiram dominar o sinistro, não tendo podido, no entanto, evitar que os prejuízos atingissem cerca de 500 contos.

Este incêndio (como aliás já tem acontecido com outros) sugere-nos a seguinte pergunta: quando serão dadas aos Bombeiros Municipais de Loulé aquelas possibilidades susceptíveis de os fazerem cabalmente cumprir a sua importante missão social? É inadiável a acção do Município e quicá outras entidades oficiais ou particulares, no sentido de se conseguirem os meios que nos proporcionem a indispensável segurança colectiva, que não deverá ser negada sucessivamente pelas tão famigeradas faltas de verba.

Não dispondo do mais indispensável material (o autotanco, por exemplo, está definitivamente aguardando substitui-

ção), lutando contra dificuldades de pessoal e outras, os Bombeiros de Loulé pouco poderão fazer no caso de qualquer calamidade nos surpreender com a sua inesperada aparição. Oxalá a sorte nos continue ajudando...

Se é certo que os fogos devastadores começam, na maioria dos casos, com um descuido (ponta de cigarro, fósforo mal apagado,

● Continua na 5.ª pág.

Eleições Municipais em Outubro?

Um comunicado recentemente distribuído aos órgãos de informação pelo Partido Socialista Português reclama a realização, no próximo mês de Outubro, de eleições municipais, de modo a contribuir (segundo aquele Par-

● Continua na 8.ª pág.

A Fonte Santa à espera do «milagre»

(Ler 4.ª pág.)



Duas saídas de águas. Só 2 pessoas de cada vez podem encher os seus garrafões. É preciso ter cuidado... para que a água suja não entre nos garrafões...

Nota Quinzenal

O sobe e desce Turístico

AGORA vai começar o desce. Dos burgueses (grandes, pequenos e assim-assim) de Lisboa e doutras terras do país e do estrangeiro, em busca das anuais férias «libertadoras» das contradições de um quotidiano largamente feito da nevrótica procura de um nível de vencimento que permita, em última instância, as ditas férias «libertadoras» no Algarve — «sonho» que será cortado logo que se avizinhem incertezas sobre a situação financeira dos agregados familiares em causa.

PARTINDO deste pressuposto podemos alinhar uma série de motivos, reais ou fictícios, da incerteza na actual conjuntura do país, como sejam o efeito psicológico provocado pelo congelamento, a partir de certo nível, dos salá-

● Continua na 5.ª pág.

PEDRO DE FREITAS

UM LOULETANO DOS BONS VELHOS TEMPOS



Completo recentemente 80 anos de idade o nosso velho amigo e dedicado colaborador Pedro de Freitas e esta circunstância justifica que o jornal da sua terra lhe preste uma singela homenagem pelo muito que tem feito por ela. E que Loulé, tem sido para Pedro de Freitas não apenas a terra que lhe serviu de berço, mas uma mãe amantíssima a justificar todos os sacrifícios, a merecer todas as honras.

Falar com Pedro de Freitas acerca de Loulé é fazer vibrar as cordas mais sensíveis do seu coração. E fazê-lo transbordar de entusiasmo, de optimismo e até, talvez de excesso de bairrismo, pois é um bairrismo que já não se usa, que está fora de moda, que é vilipendiado, que é olhado com desdém... porque só um indivíduo com a verticalidade de Pedro de Freitas é capaz de tantos sacrifícios... para enaltecer a terra natal e as suas gentes.

Muitos dissabores, ingratidões e revezes tem sofrido ao longo da sua vida como consequência de uma luta por um Loulé melhor, mas as quezílias passam... e o seu entusiasmo por Loulé redobra cada vez que a visita.

Tendo iniciado a sua aprendizagem na música aos 8 anos de idade, muito cedo Pedro de Freitas se apaixonou por essa divina arte, e nunca mais deixou de viver e sentir os seus problemas, tendo vibrado intensamente os auresos tempos em que «Música Nova» e «Música Velha» eram 2 bandas que quase se degladiavam para se enaltecerem.

De aprendiz de música a autodidata, Pedro de Freitas firmou-se como escritor dum estilo que o povo sabe apreciar, porque tem o sabor da sua própria linguagem.

A sua experiência de combatente na Grande Guerra em França e de profissional dos caminhos de ferro e de executante de música forneceram-lhe elementos para publicar os seguintes livros: «História da Música Popular em Portugal»; «Em França trinta anos depois»; «Memórias dum ferroviário»; «E preciso dar ao povo música da sua feição»; «José de Freitas — No centenário do seu nascimento»; «Brisas de Espanha»; «Cincoenta anos depois em Cartaya»; «Eu fui à Índia»; «Quadros de Loulé antigo»; «O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas»; «Madeira e Açores — Belezas de Portugal»; e «Recortes de jornais de Loulé e de Faro».

A par da sua actividade profissional, Pedro de Freitas tem-se revelado assim um verdadeiro apaixonado pela arte de escrever. Para ele escrever e enaltecer Loulé são 2 coisas que se completam e lhe dão aquela felicidade de espírito das pessoas simples e boas e a genica própria dos autênticos louletanos dos bons velhos tempos.

* * *

Além de um artigo sem que hoje publicamos, aproveitamos para transcrever algumas passagens das muitas cartas que o nosso amigo Pedro de Freitas tem recebido a propósito dos seus livros, facto que evidencia o mérito do seu valor.

Simultaneamente felicitamo-lo pela vitalidade dos seus 80 anos, esperando que a sua pena se não «cale» ainda para continuar a enaltecer a sua e nossa terra natal.

EU CANTO O MEU ALGARVE

— por PEDRO DE FREITAS

O ALGARVE, aos olhos dos algarvios, é sempre aquela objectividade que os envolve na mesma crença de muito o amar. O diapasão da sensibilidade ditadas, sempre, o ritmo do mesmo equilíbrio de naipes: o sol, o clima, o mar...

Ninguém desconhece que o Algarve é mar, sol doirado, poesia, centro de riquezas mil, onde a Natureza assentou arraiais de sublimes atractivos, litoral, praias sem fim, barrocal, serra, e, tudo o mais que o prazer dá ao espírito, aquela dose de vitalidades indispensáveis ao gozo da vida.

No mar há consolo, há areias de fina seda. No Sol doirado há reflexos privilegiados, há incentivo que se traduz num promissor de grande chamariz turístico. Na sua maravilhosa poesia há música que arrebatou os sentidos e poetas de fama e glória. O Algarve é, sem dúvida, Amor florido num dos melhores Jardins de Portugal.

No seu rutilante Centro a enxada e a picareta do progresso têm feito do insignificante ou mesmo quase nada, alvos de grandes Cartazes que nos dão um Algarve moderno e de muito valor internacional. O homem algarvio sempre insatisfeito, mas querendo sempre mais e mais, das futilidades de antanho muitas obras de valor tem realizado que são lindos espelhos a brilhar onde era matagal ou simples casabres asquerosos.

No litoral, as grandiosas obras enquadradas num cenário de riqueza e maravilha, de ponta-a-ponta atestam superior atracção e comodidade, tais são os luxuosos imóveis que dão aos seus frequentadores tempos de aprazível repouso. E são os notáveis hotéis, as cidades e vilas da nova formação urbanística, as avenidas que inebriam olhares estranhos, os «rings» de golfe e patinagem, as belas piscinas, os coscuvilheiros Casinos onde se assentam as sazonadas personalidades nos diálogos do dia-a-dia ou do haja tempo, sono e saúde,

para os quotidianos «dize-tu-di-releu».

No barrocal e na Serra, com as facilidades do meio de transportes e com o fluido eléctrico já a atingir quase todos os recônditos lugarejos, o cimento, o tijolo, dão bem a subida nota de aprazíveis sítios onde a pacatez da vida melhor sente os dias a viver. Nesses ignorados locais de ontem, hoje, esses pedaços do nosso Algarve, perfazem sectores de pura romagem de bom creio e de bom espírito. E são as luxuosas moradias de estrangeiros e naturais; e são as encantadoras hortas e quintas com seus pomares de saborosos frutos; e são as características noras mouriscas a atestarem a presença arabe no Algarve; e são as rendilhadas qão artísticas chaminés a alertarem um Algarve artístico e rico de sedução. Toda uma galeria algarvia de padrões regionais a falar com o seu natural sotaque o que Sagres, Lagos, Portimão, Albufeira, Vilamoura, Faro, Olhão, Tavira, Monte Gordo e Vila Real de Santo António; de Quarteira ao Ameixial, Alvor a Monchique e Foia, Silves a Messines e Alte, atestam publicamente o que valem e o que são no conjunto da provincia sulina.

Provincia de sonho, de moursas encantadas e de fadas, os reverberos da canícula dão-nos um cenário de desolação estival mas de farta colheita agrícola. Estalam nas figueiras as folhas ressequidas. O fruto, num esverdiado amarelo já na sessão da perda do viço, com a típica lágrima de mel a cair do seu olhozinho choroso a dar-nos a saber da sua maturação e pronto a entrar no almanjar; as amendoeiras, fartas de um fruto de escalão rico, esgalhadas, feias, chorando a ausência das suas lindíssimas grinaldas de mimosas flores; a oliveira esmaltada de gradas azetónicas; a alfarrobeira, altiva, majestosa, negreando pela abundância de compridas e formidáveis feijocas; as parreiras e as vinhas perdendo a graciosidade viçosa das suas folhas mas exibindo ostensivamente os doirados pênuclos de gulosas e dulcíssimas uvas; maçarocas desnudadas mostrando o milho encarnado, berrante, a despertar o apetite das belas desfolhadas com todos os seus participantes de ambos os sexos na mais esfuante alegria e bailes ao ar livre onde os velhos gozam a lembrança do passado e a mocidade namora, canta e goza as delicias de um amor reciproco, nessa quadra de restolhos escaldantes e de apetitosas praias, de gelados que refrescam e de brisas que consolam, é quando o meu Algarve mais frequentado é por todo o Mundo viajante e amigo de um BOM repouso de excelentes férias.

A algarvia é um mimo amoroso; o algarvio é um dinâmico, um lutador, um guerreiro, um poeta, um sonhador e, um bairrista de fibra elevada. São moldes que não se podem obliterar. Têm raiz, têm querer, têm alma grande, filha de aventureiros que conquistaram mundos desconhecidos e de poetas de grande fulgor nacional. E também, diga-se a verdade, um TO. DO do trabalho honrado em prol da grandeza da Pátria.

ADEUS CANTO DA VIDA... O MEU JA SE APAGOU. — DEPOIS DE INTENSA LIDA, AOS OITENTA... NADA SOU.

Barreiro, 19 de Maio de 1974.

PEDRO DE FREITAS

Morris

Vende-se, uma utilitária Morris e uma furgoneta Austin (caixa fechada), ambas em bom funcionamento.

Tratar com: U. M. A. L. — Telefone 6 20 22 — LOULÉ.

FALANDO DE UM DOS MEUS LIVROS

— por PEDRO DE FREITAS

Já vão passados dez anos! Foi em 1964 que, mercê de mão amiga (hoje já falecida), ofereci ao nosso Hospital um trabalho literário/regionalista, que alguns bens lhe rendeu. E foi ele, sem dúvida, mais um pregoeiro que levou aos 5 continentes o nome de Loulé.

Não foi em vão esta oferta à Assistência. Para ela alguns lucros, creio, deveriam ter sido substanciais. Para centenas de leitores foi este livro um forte estímulo espiritual a avivar intensamente a fibra louletana, muito especialmente nos louletanos espalhados por todo o Mundo. Foi esse livro, um pertinaz «caixeiro viajante» que, falando de Loulé em pontos longínquos teve o condão de arrancar de almas e corações mais sensíveis, lágrimas de saudade pela sua e minha terra natal.

«QUADROS DE LOULÉ ANTIGO» foi um livro que muito fez vibrar tantos louletanos. De muitos recebi nessa altura referências que me compensaram do intenso trabalho que nele tive de dispender. Não foi inutilmente essa oferta ao Hospital. Esta instituição de caridade teve a sua compensação; eu tive o prémio moral de algo contribuir em proveito desse sector da colectividade louletana sempre carecida de auxilio.

O Hospital esgotou, então, a venda dos livros. E há pouco, os sobrantes, foram entregues à Câmara Municipal para os oferecer através dos tempos. E só agora me foi também dado alguns oferecer, visto que, na altura havia comprado a quantidade que deles carecia.

Em causa os oferecimentos a pessoas estranhas a Loulé, as suas referências são tão lisongei-ras ao meu bairrismo e, vamos lá: porque não até? à minha modestia, que entendo não ocultar as suas exaltações, por elas refletirem o sagrado nome de Loulé. Assim, nestas colunas louletanas (que tão bem aqui cabem!) aprez-me arquivá-las, dadas as categorias dos seus autores:

«A gentilíssima oferta do seu trabalho «Quadros de Loulé Antigo», preciosa monografia da sua terra natal desvaneceu-me profundamente. A sua excelente obra está na minha mezinha de cabeceira, a cuja leitura procedo com crescente interesse e prazer pois constitui um genero que aprecio».

— Do Advogado Dr. António Jorge Simões Lopes (Lousã)

«Quadros de Loulé Antigo», muito lhe agradeço. Voltei a apreciar o seu formoso talento ao serviço da sua terra. Não é muito vulgar que uma pessoa «tão desinteressada que nunca ganhou o pão da vida na sua terra», se tenha mantido tão ardorosa e apaixonadamente preso à terra que o viu nascer. Tem razão para o fazer, porque foi

● Continua na 7.ª pág.

CONSERVAS PICANTES

E APERITIVOS SALGADOS

Fabricante dá representação a pessoa idónea que revenda na provincia do Algarve.

Resposta «A Voz de Loulé», ao n.º 540.

Motorista

Profissional de pesados, precisa-se.

Nesta redacção se informa.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO - GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

EDITAL

Eu, Mário da Silva, eng.º chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis.

Faço saber que Revendedora de Combustíveis e Lubrificantes Central Louletana, Lda. pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gases de petróleo liquefeitos, com a capacidade aproximada de 8 580 litros, sita em Vale de Lobo, freguesia de Almancil, concelho de Loulé e distrito de Faro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regula a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, na Rua da Beneficência, n.º 241, em Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, 11 de Maio de 1974.

O eng.º chefe da 2.ª Repartição, (Assinatura ilegível)

Fiscal de Obras

Com experiência e, de preferência habilitado com um Curso de Construções Cívicas admite a F.N.A.T. para obras em Albufeira (Algarve).

Indicar idade, habilitações profissionais, funções desempenhadas, vencimento pretendido e outros elementos relacionados com o cargo.

Resposta à F. N. A. T., Calçada de Santana, 180 — LISBOA.

AGRADECIMENTO



FRANCISCO MARTINS MOGO

Laura Dias Mogo e seus filhos Reinaldo Pereira Mogo, residente nos E. U. A. e Viriato Pereira Mogo, residente em Boliqueime, vêm por este meio testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à última morada o seu saudoso marido e pai e às que, por qualquer forma, exteriorizaram os seus sentimentos de pesar.

Para todos os nossos agradecimentos mais sinceros.



COMPRA, VENDE, ALUGA E TRESPASSA

PROPRIEDADES, PRÉDIOS, QUINTAS, APARTAMENTOS, COMÉRCIO, INDÚSTRIA, ETC.

RUA DA CARREIRA, 118 e 120 LOULÉ

DESPORTOS

CICLISMO

Embora estivesse inscrita no 44.º Porto-Lisboa, a equipa de profissionais do Louletano, não chegou a alinhar.

Achamos muito bem, pois, seria prova dura demais para os ciclistas louletanos que não estão ainda suficientemente rodados para uma prova desta envergadura.

Leonel Miranda saiu vencedor desta «clássica» do ciclismo português, onde os atletas do Ginásio de Távira, foram os grandes animadores.

Com o objectivo de angariar fundos que permitam manter a secção de ciclismo (em nova fase) e proporcionar espectáculos velocipédicos, de tanto agrado para a gente de Loulé, a Secção de Ciclismo do Louletano, tem disputado provas na Pista Bexiga Peres, com a colaboração do Ginásio de Távira.

No festival inaugural, realizado no 1.º sábado de Junho, esteve presente, além do Louletano e Ginásio, uma equipa do Sangalhos D. C. No dia 15 do corrente, foi a vez da equipa do Sporting Clube de Portugal, entrar em confronto com as equipas algarvias.

Os festivais, têm sido animadíssimos, tendo como nota predominante a superioridade da equipa do Távira, que tem saído vencedora na maioria das corridas em que disputa.

O Campeonato Nacional de Fundo, para a categoria de amadores-seniores, foi este ano disputado no Algarve, nos passados dias 8 e 9 do corrente mês.

A 1.ª prova (204 Kms.), entre Távira e Távira, com passagem por Castro Marim, Alcoutim, Cachopo, Salir, Loulé, S. Brás e Távira, teve como vencedor Celestino Zeferino e 2.º Joaquim Carvalho, ambos do Sporting, com 5h. 54m. e 44s., 3.º Luís Correia (Távira), com 5h. 58.15. Classificaram-se mais 25 ciclistas em representação do Sporting, Benfica, G. C. de Távira, Louletano D. C. e C. D. da Ambar.

A 2.ª prova, no sistema contra-relógio e na distância de 48 Kms., teve o seguinte trajecto: Távira-Olhão-Távira, saindo vencedor José Amaro (Sporting), com a excelente média de 44,848 Km/hora, 2.º José Gonçalves (Benfica), 3.º Luís Soares do Távira.

Classificação final: 1.º Joaquim Carvalho, do Sporting (campeão nacional), com 7h. 02m. e 48s.; 2.º Celestino Zeferino (Sporting), 7.02.56 e 3.º Luís Correia (Távira) com 7.06.59.

ATLETISMO

Disputou-se em Lagos nos dias 8 e 9 de Junho, o Campeonato Regional de Juniores do Algarve. Os 3 atletas louletanos participantes obtiveram as seguintes classificações:

Leonardo Pinguinha (do Faro e Benfica) 1.º nos 100 m com 11,3/s; 1.º nos 200 m com 24,9/s, participando ainda na estafeta 4x100 da qual saiu vencedor Carlos Costa (da Escola Comercial de Faro); 3.º nos 110 m barreiras com 22,7/s e Lélío Amado, (do Liceu de Faro), 2.º nos 400 m com 55,4/s.

Nos dias 15 e 16 do corrente mês, Leonardo Pinguinha e Lélío Amado, estarão presentes no Campeonato Nacional de Juniores, que será disputado na pista de «tartan» do Estádio Nacional em Lisboa.

FUTEBOL DE SALÃO

17 equipas representativas de clubes populares e casas comerciais de Faro, Olhão e Loulé, estão já inscritas no V Torneio de Futebol de Salão, organizado mais uma vez pelo Louletano.

Embora ainda não haja data para o início do Torneio, em virtude de certas burocracias que não desapareceram ainda já se vive em Loulé, um clima de grande entusiasmo e expectativa em redor desta manifestação desportiva, que é sem dúvida a maior que se realiza nesta vila.

AGRADECIMENTO

AO EX.º SR.

Dr. Francisco Inês

Encontrando-me praticamente restabelecida dos graves ferimentos consequentes do desastre automóvel de que fui vítima, quero expressar publicamente os meus ao Ex.º sr. dr. Francisco Inês pela maneira pronta e eficaz como me prestou os primeiros socorros, possibilitando-me um rápido regresso a casa, onde continuei a manifestar os seus cuidados e a prestar a assistência considerada necessária.

Aliete Alves

Leia e assine

«A VOZ DE LOULÉ»

COMERCIANTES ALGARVIOS

e o aumento de taxas dos C. T. T.

Os comerciantes dos concelhos de Faro e Alportel, reunidos recentemente em assembleia votaram, por unanimidade, uma Moção a apresentar, imediatamente, ao Governo Provisório e a divulgar pelas associações livres de comerciantes de todo o País.

A referida Moção é integrada por quatro pontos, qualquer deles de extrema acuidade e importância para a classe dos comerciantes. Devido à extensão do documento, somente podemos arquivar nas nossas páginas o ponto n.º 4, cujo interesse reveste maior generalidade. Ele é:

«Que, adentro deste espírito de moderação, e, afinal, de Justiça, seja desde já feita uma revisão ao arbitrário aumento de taxas dos Correios, Telégrafos e Telefones, posto em prática nos últimos dias do Governo deposto, pelo menos no que respeita às Taxas dos Telefones. De facto, tais taxas, numa prestação de serviços cuja rentabilidade tem sido sempre crescente, já pela modernização e automatização de processos, já pelo crescente aumento de utilização, não parece que devam ser aumentadas, nem mesmo com a justificação da amortização de novos investimentos em aparelhagens, pois é de crer que tais amortizações estão mais que garantidas pela continuidade de uma exploração sempre superavitária, dispondo de receitas sempre crescentes, mesmo sem necessidade de aumento de taxas. E, sendo a classe dos comerciantes, a maior utente dos serviços telefónicos (não podendo tampouco beneficiar da redução noturna de taxas, pois a sua utilização se processa no horário diurno), é, sem dúvida a classe mais causticada por este brusco e sensível aumento, de cuja legitimidade se duvida, e cuja oportunidade se contesta, tendo especialmente presente a conjuntura que vimos a atravessar e desejamos superar.»

QUARTEIRA

Vende-se o edifício do antigo casino e anexos, no Largo dos Pescadores.

Tratar com: Manuel Miguel Salgadinho — Campina de Baixo — LOULÉ.

Ser Camaleão: EIS O PECADO

— resposta a Silva Teixeira

No último número de «A Voz de Loulé», o sr. Silva Teixeira dedicou o inegável mérito da sua prosa à tarefa de criticar o «discutível sentido de objectividade» do brevíssimo apontamento que publiquei neste jornal sob o epígrafe de «Os Camaleões».

Em resposta ao sr. Silva Teixeira, dir-lhe-ei que Viriato Tristão (espécie de Alvaro de Campos, por razões técnico-jornalísticas, do poeta Fernando Pessoa) não se sente, na verdade, «camaleão». Adiante procurar-se-á justificar a negativa.

Entendo por «camaleão» aquela casta de «bicho político» oportunista, o qual, logo após o triunfo do 25 de Abril, envergou à pressa a pele de democrata, quando visceralmente continua sendo o que sempre foi: o reacçãoário nacionalista, o palmíngas subservientes e manhosas às altas personalidades do regime que dominou o país durante 48 anos, enfim a figura mefistofélica que simboliza o cinismo e o desamor à verdadeira e sã convivência colectiva, muito embora tudo isto se apresente agora mascarado de um aberto sorriso hipócrita.

Como é evidente, há grande disparidade entre o maquiavélico «animalzinho» acima descrito e a pacata e insignificante larva referida pelo sr. Silva Teixeira, ainda que em termos quantitativos possamos aceitar a «tese camaleónica» daquele colaborador de «A Voz de Loulé».

Divergimos todavia, em absoluto, da ideia retrógrada que o sr. Silva Teixeira faz do povo português — que seria como um rebanho de carneiros «esperando o momento do sacrifício»... «mau grado (mau grado porque?) toda a revolta efervescente no peito oprimido»...

O nosso povo — que sempre amou a Liberdade, desde os combates heróicos da fundação do país, passando pelas lutas sociais de 1835, prosseguindo na revolta imparável de 1640, ressurgindo nas pelejas liberais dos anos 20.40 do séc. XIX, culminando enfim, em 1910, na esperanzosa vitória da 1.ª República — o nosso povo, dizia, não poderia nunca consentir «ingénua e silenciosamente com o poderio fascista do ex-governo de Salazar-Caetano», como afirmou o sr. Silva Teixeira.

Pouco tempo depois do 28 de Maio, eclodiram as primeiras revoltas populares — duramente reprimidas pelo Governo; após a 2.ª guerra mundial, o MUD foi mais que um grito exemplar — e por isso foi tão violentamente jugulado pelo «Estado Novo»; mais tarde, o apoio do povo a Humberto Delgado só foi traído na farsa eleitoral de 1958; as incessantes lutas estudantis; o manifesto descontentamento daqueles elementos das Forças Armadas que souberam manter o necessário grau de lucidez; e sobretudo (pergunto: que maior prova do fracasso do regime político-corporativista?) — o facto de cerca de um milhão de portugueses terem sido obrigados a

emigrar, para conseguirem, lá fora, humanamente comer e respirar ar livre...

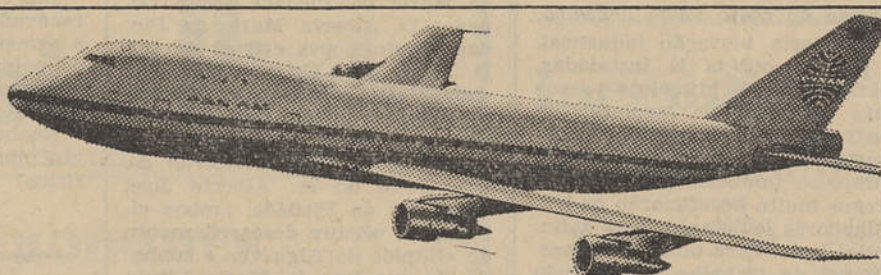
...Por tudo o que acima esquemáticamente apontei é que recuso a afirmação do sr. Silva Teixeira de que «duma só vez, o povo mudou de casaca» — e faço-o porque o nosso povo, segundo penso, foi sempre igual a si próprio, para além da explosão desencadeada em 25 de Abril, quando o salto qualitativo realizou um ciclo de transformação dialéctica, que prosseguirá enquanto as contradições sociais não neutralizadas (se é que alguma vez o poderão ser).

Homens e mulheres do povo português sofreram, na carne e no pensamento, as infâmias da PIDE, as repressões das polícias de choque, as palhaçadas da Legião, da Mocidade Portuguesa, e aguentam ainda, a guerra em África — mas a resistência popular sempre se manifestou, com maior ou menor grandeza, e nunca o nosso povo aceitou passivamente as situações impostas pela força bruta.

Manuel Alegre e Alvaro Guerra vestiram a farda do Exército — e foram para África: poderão estes conhecidos combatentes pela Liberdade ser agora chamados de «camaleões»? Os louletanos Luís Filipe Madeira que foi militar numa colónia e Vítor Murta Marcos (dirigente estudantil perseguido pela PIDE e que actualmente está na tropa em Angola) — poderão ser agora apelidados de «camaleões», depois das provas que deram de lutarem pela construção de uma sociedade democrática? Até que ponto haverá contradição entre o que fizeram, escreveram, falaram e o facto de terem vestido uma farda que foi, até ao 25 de Abril, sinónimo de negação das ideias por que lutavam e lutam? Poderemos nós chamar burgueses a Lenine, um dos grandes obreiros da primeira revolução socialista triunfante, apenas por não ser filho de um camponês ou de um operário? Com efeito, é preciso não tomar a nuvem por Juno, como é costume dizer-se.

Estou já a alongar-me demasiado e A Voz de Loulé luta com dificuldades de espaço. Deste modo, vou terminar dizendo ao sr. Silva Teixeira que «a natural mudança de cor(...) dos miseráveis, identificados como ditadores da escravidão, exploradores e carrascos duma população indefesa e analfabeta» seria bastante prejudicial à construção de uma sociedade nova e verdadeiramente democrática — e isto porque não conseguiríamos distinguir, como se impõe, o trigo do joio. Urge pois que o «espaço livre da nossa Pátria feliz» (para mim, creio que o povo português já é livre, mas ainda lhe falta muito para ser feliz) seja, realmente, um espaço sem armadilhas, um espaço onde saibamos quem são os amigos e os inimigos, um espaço onde os «camaleões» possam ser facilmente identificados — para que não destruam a paisagem onde se querem sorrateiramente instalar.

VIRIATO TRISTÃO



Vai de viagem para a América?
Só a Pan Am lhe oferece dois voos diários sem escala para Nova York e Boston.

Vá descansado com o apoio da Pan Am no embarque, viagem e desembarque.

Voos diários sem escala de Lisboa para Boston* e voos diários sem escala de Lisboa para Nova Iorque.
A partir de Boston, ligações imediatas para Filadélfia — Chicago — Washington — Newark — Hartford — Detroit — Los Angeles — S. Francisco.
A partir de Nova Iorque, ligações para Los Angeles e S. Francisco.
Para o Canadá, tanto a partir de Boston, como de Nova Iorque,

ligações imediatas a Montreal e Toronto. A assistência da Pan Am à sua viagem para a América principia logo que Você contacte o seu Agente de Viagens ou a

PAN AM
A linha aérea de maior experiência no mundo

* Desde 23 de Maio de 1974

Praca dos Restauradores, 46 — LISBOA — Telef. 362591 — 362181

TRANSPORTES DE CARGA

Lisboa - Algarve - Lisboa
e resto do País

União de Camionagem de Carga, L.ª

LISBOA
Rua dos Douradores, 12-14
Telef. 36 87 88 e 36 33 52

LOULÉ
Rua Padre António Vieira
Telef. 6 20 22 e 6 27 40

Loulé e a C. P.

● Continuação da 1.ª pág.

chegando ao cúmulo de ultrapassarem (em sentido inverso), as estações expedidoras antes de rumarem à estação destinatária. Entretanto os dias vão passando e os destinatários à espera das encomendas.

Quando se trata de mobiliários e de outras mercadorias frágeis são normalmente mal tratadas até porque ao serem carregadas não foi tomado em consideração se a estação destinatária se situa do lado esquerdo ou direito do comboio.

Isto é apenas uma pequenina amostra de muito que se sabe acerca da «organização» da C. P. e é natural que, com a saída de certos administradores muito mais se venha a saber.

De momento, o que principalmente nos interessa é que os novos administradores da C. P. saibam que existe no Algarve uma vila chamada Loulé, a qual está sendo vítima da mais gritante injustiça quanto ao tráfico de mercadorias que transitam pelo caminho de ferro.

Durante longos anos a Empresa de Viação Algarve serviu Loulé fazendo o transporte de mercadorias entre a Vila e a sua estação de caminho de ferro e muitas vezes teria sido injustamente acusada de um mau serviço. Pois a E. V. A. desistiu, há mais de um ano, pura e simplesmente de fazer esse transporte.

...E o serviço caiu no mais completo descalabro, porque Loulé passou a receber encomendas travez das estações de Albufeira e de Loulé, o que tem provocado a maiores anomalias que se possam imaginar.

Quando a EVA deixou este serviço, a Empresa Geral de Transportes passou a fazer entregas a domicílio, o que, aparentemente, parecia ser um benefício para Loulé. Na prática, porém, resultou um autêntico caos, pois era evidente pensar que qualquer expedidor, ao remeter a encomenda para Loulé, escrevesse Loulé no endereço.

Habitados a pôr Loulé. Central ou simplesmente Loulé, não tem sido fácil aos expedidores escrever Loulé. Domicílio numa encomenda para Loulé, acontecendo que muitos escrevem Loulé nos volumes e Loulé. Domicílio nas senhas, o que provoca uma baralhada tremenda. O destinatário lê: Loulé. Domicílio na senha e... fica à espera que a encomenda lhe chegue à porta... mas o funcionário da C. P. faz seguir a encomenda para Loulé. Gare, porque é essa a indicação que ele lê. Isso já nos aconteceu pessoalmente, do que resultou um atraso de quase 3 semanas na recepção de uma encomenda. Incrível, mas acontece com frequência!

Oportunamente chamámos a atenção para esta clamorosa situação, mas não obtivemos uma única palavra de apoio e supomos que os louletanos em geral e o comércio em especial se tivessem «acomodado» à nova modalidade, cujas deficiências o tempo corrigiria.

Há dias, porém, soubemos que tudo estava como dantes e que nem o público nem as estações expedidoras tinham conseguido habituar-se ao paradoxo de expedir para Albufeira as encomendas destinadas a Loulé.

Desta circunstância resulta constantemente confusões desbarregarem em Loulé-gare encomendas que deveriam ficar em Albufeira... para serem transportadas por camioneta até Loulé, e consequentemente demoras que ninguém aproveita.

Ninguém, talvez não seja bem dito, pois dizia-se que os Administradores da C. P. eram os principais accionistas da E. G. T. e que, portanto, lucravam... com a sua empresa dos prejuízos da C. P., os quais eram cobertos pelo Estado.

Parece que um jogo «bem feito» em que os grandes deste país eram peritos...

Resta acrescentar que as encomendas despachadas para Loulé.

lê. Gare são transportadas para a vila por uma motorizada, o que obriga comerciantes e industriais Loulé a se deslocarem à estação para transportar encomendas com pesos superior a 200 kilos ou a pedirem, por especial favor, a prestação desse serviço a uma camioneta, do que resultam arrelias e preciosas perdas de tempo.

A Empresa Geral de Transportes entendeu que lhe convinha Albufeira como centro de ramificações para os seus serviços de entregas ao domicílio, mas esqueceu-se dos prejuízos que isso causa a Loulé e Quarteira e não se dispõe a pôr uma camioneta ao serviço de Loulé a partir da sua estação.

Um ano depois de se terem cometido tantos erros, parece-nos que já é tempo de se acabar com esta situação.

Esperamos que o comércio de Loulé e a nova Câmara tenham uma palavra a dizer para que a C. P. ponha termo a esta incompreensível situação.

A Empresa Geral de Transportes sabe que está prestando um péssimo serviço a Loulé e Quarteira mas ainda não remediou o problema e NÃO permite ser substituída por quem queira servir Loulé... como Loulé merece.

Loulé exige que sejam tomadas medidas imediatas para resolver este problema.

A FONTE SANTA

à espera do «milagre»...

A água jorra de grossos tubos em volumoso e ininterrupto caudal. Água fresca, saborosa, saudável. Aqui, na Fonte Santa, muita gente — por vezes vinda de bastante longe — procurou alívio para as suas doenças, banhando-se nas águas que livremente brotavam do chão e eram para todos.

Depois, «prenderam» a água, reduzindo o seu espaço natural a uma área de 4/5 metros, onde o povo já não pode dar os benéficos banhos tão conhecidos de longa data. Depois de terem dominado muitos homens, «eles» procuraram também dominar as águas, que a Natureza dá para quem delas necessita. E o resultado está à vista, sem precisar de comentários.

Nun local ideal para a localização de uma zona termal, de incalculável valor par as populações e para o turismo, as SARL que têm devorado quase o Algarve inteiro mandaram erguer uma alta rede de arame — «solução» muito mais barata do que pagar às patrulhas da GNR que ali prestavam serviço.

As pessoas ainda lá vão, cuidadosamente, buscar alguns garrações de água, para os seus salutares banhos caseiros ou para se dessedentarem com aquele puríssimo líquido natural. Mas toda a gente espera o desejado «milagre» — ver realizado um projecto de utilidade geral: ali, na popular Fonte Santa, erguer-se uma zona termal à altura das magníficas propriedades curativas daquelas famosas águas.

A Lei impõe que a utilização de água da Fonte Santa seja pública e por isso os «donos» daquela água ainda não puderam escondê-la, mas quem vá lá percebe claramente que tem havido o firme propósito de dificultar, ao máximo dos limites permitidos pela Lei e pelo bom senso, a sua utilização.

Tudo foi preparado para dificultar o enchimento de um saudável garrafão daquela santa água e para as pessoas se aborrecerem de lá ir...

Criaram-se SARL e fizeram-se maravilhosos projectos... mas as águas continuam a jorrar ininterruptamente, sem que tanta gente doente possa encontrar nelas o alívio para o seu sofrimento.

Até quando?

A Fonte Santa espera pelo «milagre».

Almoço de confraternização na Escola de Hotelaria do Algarve

Como já vem sendo tradicional, a Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve confraternizou há dias com os órgãos de informação, num almoço que ofereceu em sua homenagem.

Coincidente com o fim de curso dos respectivos alunos, este almoço permitiu um esclarecimento das actividades duma Escola que tem por objectivo formar profissionais para um ramo de actividades que tem tanto de aliciante como de lucrativa. A sua existência no Algarve justifica-se plenamente, dadas as características dum turismo que esta província precisa para se desenvolver.

O Director da Escola, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Horácio Cavaco Guerreiro, saudou os representantes dos órgãos de informação e focou alguns problemas com que se debate a Escola de Turismo do Algarve, cuja escassez de verbas não tem permitido ampliar as suas estruturas de forma a satisfazer a crescente procura de pessoal qualificado numa actividade que está sendo a maior fonte de divisas para o país.

Vários oradores se referiram ao precioso contributo da Escola de Hotelaria do Algarve para a formação de profissionais que satisficam a procura por parte das unidades hoteleiras do Algarve.

UMA UNIDADE INDUSTRIAL

● Continuação da 1.ª pág.

em mais de 50% do seu valor de conjunto. O arranque das instalações está previsto para Janeiro de 1975 e a produção a partir de Fevereiro do mesmo ano. Com uma área de 135 000 m², 10 000 serão utilizados em edificações divididas por salas de fabrico.

A futura fábrica de cerveja terá numa 1.ª fase uma capacidade instalada de 30 milhões de unidades por ano, precisamente metade da capacidade autorizada.

Proporcionando 160 novos empregos directos, 60 dos quais na área de produção, a IMPERIAL — União Cervejeira Portuguesa, SARL será mais um passo para a projecção industrial do nosso concelho, uma obra que todos os louletanos deverão acarinharem, pois ela constituirá, certamente, uma extraordinária fonte de receitas diversas, em benefício dos mais diferentes aspectos de interesse do nosso vasto concelho.

Com esta inovação industrial, a par de outras já instaladas, inicia Loulé os primeiros passos para uma fase de revolução industrial caracterizada por uma faceta rítmica que nos alegra e enriquece também. Dos 160 empregos muito beneficiarão os trabalhadores louletanos, pois a Imperial constituirá uma fonte inesgotável de trabalho distribuindo por vários sectores o seu manancial de riqueza e contribuindo, inegavelmente, para o desenvolvimento do nosso concelho, que esperamos cada vez mais prosperar num futuro próximo.

Joaquim M.P. Brazão Guerreiro

(SOLICITADOR)

R. Eng.º Barata Correia, 139
Telef. 6 26 89 • LOULÉ

Falecimentos

Faleceu em Loulé no dia 25 de Maio o nosso conterrâneo sr. Albano Maria de Aragão Faisca.

O saudoso extinto, pessoa geralmente estimada pelas suas qualidades de carácter e bondade deixou viúva a sr.ª D. Maria da Glória Teixeira Faisca e era pai da sr.ª D. Emília Teixeira de Aragão Faisca, irmão das sr.ªs D. Maria Victória Romão Faisca, D. Marina Maria Romão Faisca e dos srs. Horácio de Sousa Ramos Faisca e cunhado da sr.ª D. Maria Elisa Teixeira Cavaco, casada com o sr. José Guerreiro Farrajota Cavaco.

Durante anos foi mesário da Santa da Misericórdia e Vereador da Câmara de Loulé.

— Faleceu em Loulé no passado dia 2 do corrente, a sr.ª D. Maria Joaquina Alho, que contava 81 anos de idade e era mãe do sr. Manuel Francisco Alho, casado com a sr.ª D. Francisca Sousa Leal e avó da nossa dedicada assinante sr.ª Dr.ª D. Maria Leal Alho e do sr. Aristides Leal Alho.

— Após um curto período de doença, faleceu no passado dia 5, em cada de sua residência em Loulé, o nosso velho amigo, dedicado assinante e conterrâneo sr. Francisco José Ramos e Barros Júnior, que contava 71 anos de idade e era 2.º oficial aposentado da Caixa-Geral de Depósitos.

O saudoso extinto era casado com a sr.ª D. Aida Maria Vasques Pinheiro Ramos e Barros e pai do nosso prezado amigo e estimado assinante sr. Dr. Helder Manuel Pinheiro Ramos e Barros, médico em Almodôvar, casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Laginha Mestre Ramos e Barros e da sr.ª D. Maria Aida Pinheiro Ramos e Barros Santana, casada com o sr. José Anastácio Santana e irmão do nosso prezado amigo e assinante sr. José Francisco Ramos e Barros, casado com a sr.ª D. Maria Cardoso Ramos e Barros, proprietários na Maritenda (Boli-queime) e da sr.ª D. Maria das Dores Ramos e Barros; cunhado do nosso colaborador e prezado amigo sr. Raul Rafael Pinto, gerente da Agência de Loulé do Banco Nacional Ultramarino, viúvo da sr.ª D. Laura Ezequiel Vasques Pinheiro Pinto e tio dos srs. Prof. Dr. Orlando Pinheiro Pinto, Dr.ª D. Maria Yolanda Pinheiro Pinto Wanhon, Dr. José Cardoso Ramos e Barros e D. Maria de Jesus Cardoso Ramos e Barros Faisca e avô dos meninos Francisco Manuel, João Paulo, Rui Jorge e Maria Guadalupe.

— Após doloroso e prolongado sofrimento de doença que não perdoa, faleceu em casa de sua residência em Lisboa, no dia 13 de Junho a nossa conterrânea sr.ª D. Maria das Dores Cristóvão da Piedade Pinto Lopes, que deixou viúvo o nosso prezado amigo, assinante e conterrâneo sr. Arquitecto Eurico Pinto Lopes e era mãe das sr.ªs D. Eunice Maria da Piedade Pinto Lopes e D. Alberta Maria da Piedade Pinto Lopes e irmã da sr.ª D. Maria José Cristóvão da Piedade Mata, casada com o nosso prezado amigo sr. Casimiro dos Santos Mata e ainda da sr.ª D. Maria de Lourdes Cristóvão da Piedade e do sr. Alberto José Cristóvão da Piedade, ambos vítimas do célebre descarrilamento do «Rápido do Algarve» e cunhada da sr.ª Dr.ª D. Maria Lizete Vinhas Pinto Lopes Elias Garcia, casada com o nosso dedicado amigo e assinante sr. Francisco Elias Garcia; e da sr.ª Dr.ª D. Maria Libânia Vinhas Pinto Lopes e do sr. Victor Vinhas Pinto Lopes e tia dos srs. Casimiro José da Piedade Mata e Amândio Augusto da Piedade Mata.

A saudosa extinta, que contava 62 anos de idade, era professora do ensino primário particular e, quando jovem, foi exímia pianista, animando festas e reuniões que, ao tempo, realizavam em Loulé.

— No passado dia 16 de Junho faleceu em Loulé a sr.ª D. Antónia Laginha Serafim, viúva do

sr. José Leal Serafim, que contava 78 anos de idade e mãe da sr.ª D. Antónia Laginha Serafim, casada com o sr. Joaquim da Ascensão Filipe (funcionário da Caixa Nacional de Pensões) do nosso prezado amigo e assinante sr. Eng. Joaquim Laginha Serafim, casado com a sr.ª D. Maria José Garcia Laginha; sr.ª D. Laurentina Laginha Serafim Passos, casada com o Tenente-Coronel sr. Raul Jorge Gonçalves Passos; sr.ª D. Fernanda Laginha Serafim Silva, viúva do sr. Vital Campina Mealha e da sr.ª D. Franceline Laginha Serafim, casada com o sr. Manuel Sintra Paraíso, Industrial de Cortiça em Alhos Vedros.

— Com 54 anos de idade, faleceu na Goncinha-Loulé, onde residia, o sr. Filipe Correia Penca-rinha, respeitado comerciante naquele sítio.

Pelas suas qualidades de carácter e natural amabilidade, a sua morte, um tanto inesperada, causou profunda mágoa entre os seus amigos e conhecidos.

Era casado com a sr.ª D. Maria Bárbara Barros Farrajota e pai da sr.ª D. Maria Assunção Barros Penca-rinha de Sousa, casada com o sr. Fernando Cristina de Sousa, residentes no sítio da Goncinha.

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

ÉVORA

CAPITAL DO ALGARVE?

● Continuação da 1.ª pág.

mentes, alvitram-nas, em vozes gritantes que possam chegar a S. Bento, esperando que do seu impacto uma esperança e frutífera ressonância, nos devolva o sabor das nossas justas aspirações.

Assim se junta às nossas também a voz barlaventina do jornal «Prolar», numa desão entusiástica e vibrante que justo se torna evidenciar.

«QUEM AOS SEUS SAI, NÃO DEGENERAR», e o algarvio sempre ufano e orgulhoso da sua terra, não se poderá nunca alhear dos processos demagógicos de que têm sido vítimas; processos forjados, sem mesmo se saber porque, num silêncio tormentoso que nos torna separados do Portugal-além-Caldeirão.

Em boa verdade, quase nada se tem feito em exclusivo benefício da região algarvia e, note-se, se alguma pedra esporádica caiu neste recanto litoral-sul, foi o mata borrão das nossas riquezas, a sanguessuga implacável dos nossos recursos deixando-nos apenas o mais elevado índice de inflação e a arripiante subida dum custo de vida que penoso nos tem sido suportar.

Das vantagens dum turismo renovador, os algarvios colheram a semente, pois o fruto carnudo de polpa macia, eclipsou-se principalmente por outras paragens que não o nosso.

Realmente, alguma coisa precisa mudar, em matéria de benefícios!

T.

Alugam-se

Três prédios, de renda económica, com água, junto à Escola primária no sítio da Alagoa de Momprolé, a 3 km de Loulé.

Mostra Joaquim Lino, no sítio referido.

Tratar com o proprietário José Francisco Ramos e Barros — Rua Eng.º Duarte Pacheco, 6 — Loulé.

EM LOULÉ Foi batido um «Record»

A MORAL DA HISTÓRIA

Há dias um amigo tinha uma vaca doente. Chamado um veterinário para consultar o animal, o médico verificou que o animal tinha uma intoxicação alimentar. Tempo de consulta: 30 minutos.

A HISTÓRIA

Há dias uma criança esteve doente e os seus familiares consultaram os Serviços da Caixa de Previdência. Estava de serviço o médico especialista de crianças Dr. Salvador Ilari.

Com o fim de conseguir a respectiva senha que lhe dá direito a ser consultada, a mãe da doente, deslocou-se à sede da Caixa de Previdência, às 8 horas, onde já se formava uma enorme bicha, de doentes, que desde das 6 horas da madrugada, lá se encontravam para poderem ser incluídas no número de consultas realizadas que são: 15!

A maioria das pessoas que recorrem aos serviços médico-sociais da Caixa, são indivíduos do POVO, trabalhadores, que na sua maioria não usufruem mais do que 150\$00 por cada dia de «cava» e então, têm que se sujeitam aos maus tratos antipáticos, da maioria dos médicos, que desempenham tão nobre profissão.

O «RECORD»

No dia 6 de Junho de 1974, portanto depois do 25 de Abril,

o especialista, médico de crianças, membro da Comissão Instaladora do Partido Socialista de Faro, o camarada Salvador Lazari Ilari, chegou à Sede da Caixa de Previdência, às 11,30 e às 11,55 horas, já tinha observado, detectado e receitado, respectivamente as 15 crianças doentes num tempo «record» de 25 minutos. A 15.ª já assoprava e balbuciava, em virtude do seu tempo de Serviço ter expirado?

É URGENTE

É urgente e necessário que todo o trabalhador que desconta 5,5% do seu salário, para a Previdência, desmascare esta rede que herdamos do fascismo.

É urgente e necessário que todo o cidadão denuncie o sistema, as anomalias, as poucas vergonhas, que todo o beneficiário está sujeito ao pretender o serviço dos médicos da Caixa de Previdência.

É urgente e necessário que se compenem que nunca há horas impróprias para chamar um médico, desde que se justifique.

É urgente e necessário, que os médicos se compenem que têm uma das mais dignas e nobres profissões a defender e portanto não devem aceitar sistemas que lhe são impostos e que em nada os dignifica a não ser monetariamente.

BRUNO COELHO

Benefícios do Tabaco

Não sei se alguém escreveu já alguma obra sobre os benefícios do tabaco. Sobre os seus malefícios existem algumas bem famosas. Mas nem é preciso escrever qualquer peça de teatro ou romance sobre as vantagens daquela planta, pois a toda a hora e em qualquer lugar nos metem pelos olhos e pelos ouvidos, quando não pelo próprio olfacto, que também se torna receptivo ao fumo — baste como exemplo o facto de o cheiro do tabaco de cachimbo agradar tanto às senhoras, embora o não fumem — as inextinguíveis vantagens de toda a espécie que há em fumar, sobretudo de tipo psicológico e sexual, que são, decerto, as de maior impacto. Todos os meios são lícitos para apregoar o tabaco, seja ele de que marca for, até à subtil e cínica forma de o apresentar com determinados filtros que, «sem lhe tirar o seu agradável paladar, o torna inofensivo para a saúde». Assim é que o homem ou o rapaz, quase convencidos a deixarem de fumar, são de novo trazidos ao fumo para não perderem o seu aspecto másculo, como se o fumar é que aferisse a masculinidade de alguém. Neste caso até devíamos afirmar que todas as mulheres se estão a tornar masculinas, uma vez que fumam tanto ou mais do que muitos homens. E isso será um bem? Como é que os propagandistas do tabaco conciliam as duas coisas? Porventura fumar torna o homem mais homem, no primeiro caso, e a mulher mais mulher, no segundo? Mas então que propriedades mágicas possui o cigarro que nós desconhecemos de todo em todo? Trata-se do caso flagrante do nosso país, em que, ainda a uns meses de distância da entrada em vigor de um diploma que vai proibir a propaganda do tabaco, pelo menos nos moldes escandalosos em que é feita, se intensifica aquela publicidade, de modo que não haja ninguém que não fume. Enquanto noutros países os fabricantes são obrigados a imprimir nas embalagens dizeres tais como «Este produto é prejudicial à saúde», no nosso país continua a afirmar-se peremptoriamente que um homem não é homem nem é nada se não fumar. E a publicidade chega até ao extremo de se fazer nos campos desportivos, onde, pelo contrário, se devia inculcar a abstenção de um hábito que só malefícios produz. E, finalmente digamos alguma coisa do muito pouco que se pode afirmar em abono do cigarro: que, moderadamente, muito moderadamente, pode actuar, a actua mesmo, como um calmante ou um estimulante da imaginação, em certos casos. Fora disso, fumar só aproveita a uns poucos, e esses nem é preciso dizer quem são.

(in Jornal do Comércio)

Incêndio em Vilamoura

• Continuação da 1.ª pág.

etc.) também não é menos certo que só ajudando os homens que podem acorrer nas catástrofes (e esses são os Bombeiros) se poderá evitar a destruição de árvores, searas, bens e vidas, de que não podemos prescindir. Eis a razão por que urge acudir, sem demora, aos Bombeiros Municipais de Loulé.

MOTORISTA

Profissional de pesados e ligeiros, oferece-se para a zona de Loulé.

Tratar pelo Telef. 6 52 61

Comércio associa-se livremente

Centenas de profissionais — revendedores de combustíveis, sólidos, líquidos e gasosos — foram os pioneiros da prática do livre associativismo, como forma de substituição de estruturas corporativistas.

Os seus estatutos foram aprovados em plenário realizado no dia 1 de Junho na Figueira da Foz.

Desta forma se criou a primeira associação de inscrição livre, com âmbito nacional para defesa de interesses de natureza comercial e industrial, que se denomina: Associação Nacional dos Revendedores de Combustíveis.

O anteprojecto dos estatutos, proposto pelo grupo instalador, foi aprovado pelo plenário na generalidade, e «na especialidade» modificado após amplo debate em dois dos seus artigos, o que prova a maturidade dos profissionais para se autogerirem, já que essas modificações atingem questões de fundo a saber:

A admissão da aplicabilidade dos princípios da gestão controlada ou da autogestão dos revendedores de certa dimensão, e os condicionamentos de natureza política para o preenchimento dos cargos de gestão da Associação.

Todos os revendedores podem já encarar com maior optimismo a sua vida profissional, pois a associação será a voz comum a todos que, em diálogo construtivo com o Governo Provisório, com o público, com os fornecedores e com os trabalhadores, po-

derá proporcionar uma melhor eleição 3 delegados de cada distrito, que ficaram constituindo o Conselho de Delegados, que democraticamente elegeu os corpos gestores da Associação.

No passado dia 7, os elementos directivos da Associação foram recebidos pelo Secretário de Estado da Indústria e Energia, com a presença do Director Geral dos Combustíveis, apresentando ao Governo Provisório, através deste sector ministerial o estudo conjunto de justas margens de comercialização de revenda, para os seguintes produtos: gasolina, gasóleo, fuel, gás propano e gás butano.

Contando com o apoio do sr. Secretário de Estado da Indústria e Energia e também com uma verba concedida pelo Governo Provisório, vai esta Associação iniciar imediatamente negociações, com as companhias distribuidoras.

As adesões à nossa Associação deverão ser remetidas por todos os colegas interessados para a sede, Rua da Palma, 272.1.º LISBOA.

Os delegados do distrito de Faro: Albino Filipe Pinto — Loulé; António dos Santos Simões — Faro; Jorge dos Santos Santos Roque — Olhão.

Almansil - Poço

AGRADECIMENTO

HONORATO PEDRO DOS SANTOS

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilham da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada.

AGRADECIMENTO



JOSÉ GONÇALVES BOTA

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilham da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada.

COLABORE

Na criação da Cooperativa Agrícola de Loulé. Inscreva-se como accionista.

Leia e assinie

«A VOZ DE LOULÉ»

Nota Quinzenal

• Continuação da 1.ª pág.

rios; a taxa de inflação verificada no ano passado e sentida também na bolsa dos candidatos ao veraneio; o plausível aumento dos impostos sobre as categorias superiores do vencimento; o aumento do preço da gasolina; a concorrência desleal dos espanhóis dizendo aos estrangeiros que há cólera no Algarve; e por último, a tendência natural à poupança nas camadas sociais que nos interessam em períodos de transição sócio-política.

A CRESCER que as «férias de família» correspondiam, em muitos casos, a um valvém do «esposo» a Lisboa (e não só) por motivos de trabalho — ou outros... —, enquanto a «esposa» e os «meninos» ficavam a torrar ao sol das belas praias algarvias. Tal circunstância também será largamente contrariada pela proibição da venda de gasolina aos fins de semana.

PARECE-NOS pois, em conclusão, que é extremamente previsível uma diminuição do número de forasteiros este Verão, com os inconvenientes naturais em zonas específicas da economia algarvia. Em contrapartida, e a ser correcto o jugamento feito, será que as populações locais irão, pela primeira vez, não sentir dificuldades de abastecimento no período que se aproxima? Será que o congelamento dos preços (furos à parte) vai introduzir um pouco menos de aflição nos nossos orçamentos? A ver vamos.

Móveis Pinto

EURODOMUS

JÁ TINHAMOS O MAIOR SORTIDO DE MOBILIÁRIO DO ALGARVE. FALTAVA-NOS ALGO MAIS! ARTIGOS DE MÉNAGE. A PARTIR DE AGORA PODAMOS OFERECER-LHE UMA GRANDE VARIEDADE DE ARTIGOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS NA NOSSA LOJA DA:

AV. JOSÉ DA COSTA MEALHA, 23

TELEF. 6 20 83/4 • LOULÉ

Justificação Notarial

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

NOTÁRIO: LICENCIADO NUNO ANTÓNIO DA ROSA PEREIRA DA SILVA

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º C-76, de fls. 78, v. a 80, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada hoje, na qual Manuel de Sousa Rodrigues e mulher, Maria Catarina Lopes, residentes no sítio dos Cavacos, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte prédio: urbano, que se compõe de uma morada de casas com três compartimentos para habitação, com a área de trinta e quatro metros quadrados e quintal com a de cento e vinte metros quadrados, no sítio dos Cavacos, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, com a área total de cento e cinquenta e quatro metros quadrados, que confronta do norte com caminho, do nascente com Maria da Assunção, do sul com José Chato e do poente com Porfírio Cova, inscrito na respectiva matriz predial, em nome dele justificante varão, sob o artigo número setecentos e dez, com o valor matricial de vinte e cinco mil novecentos e vinte escudos, a que atribuem o de trinta e seis mil escudos, e não descrito na Conservatória do Registo Predial de Loulé.

Que este prédio lhes pertence pelo facto do mesmo haver sido inteiramente construído à sua custa, num talhão de terreno para construção urbana, com a área de cento e cinquenta e quatro metros quadrados, que lhes havia sido doado, por sua mãe e sogra, Maria da Assunção, no estado de viúva, que foi residente no aludido sítio dos Cavacos, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, em data imprecisa, mas que sabem ter sido no começo do ano de mil novecentos e quarenta e dois, por contrato meramente verbal, nunca reduzido a escritura pública.

Que desde a referida data, portanto há mais de trinta anos, sempre eles justificantes, têm vindo a possuir o prédio supra descrito — inicialmente o terreno e posteriormente o prédio supra descrito, em que o mesmo foi transformado, ainda durante o citado ano de mil novecentos e quarenta e dois — em nome próprio, e sem a me-

nor oposição de quem quer que fosse, desde o seu início, posse sempre exercida sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo por isso a sua posse pacífica, con-nua e pública, pelo que também o adquiriram por usucapião, não tendo, todavia, em face do exposto, possibilidade de comprovar o seu direito de propriedade perfeita sobre o aludido prédio, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme ao original.

Secretaria Notarial de Loulé, 6 de Junho de 1974.

O 2.º Ajudante,

a) **Fernanda Fontes Santana**

«A Voz de Loulé» N.º 540 19-6-1974

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE LOULÉ

Anúncio

1.º Publicação

No dia 15 de Julho próximo, às 11 horas, neste Tribunal, e nos autos de carta precatória extraída da execução de sentença que, na 1.ª Vara Cível de Lisboa, Dr. José Maria Dias de Albuquerque Saraiva move contra Manuel Pereira Júnior e mulher Sara Rocha Sá da Costa Pereira, residentes na Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 77, r/c, em Lisboa, serão postos em praça pela 1.ª vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima dos valores adiante indicados, os seguintes imóveis dos executados:

1.º — Prédio misto, no sítio do Barranco do Velho, freguesia de Salir, concelho de Loulé, composto por uma morada de casas com 14 compartimentos térreos e 7 na cave, 3 dependências, e por uma courela de terra com sobreiros, denominada «Entroncamento», inscrito na matriz sob os artigos urbano 2 104 e rústico 8 884, o qual irá à praça por 92 080\$00;

2.º — O direito e acção a metade de uma cerca de terra de semear com sobreiros, no sítio do Serro Alto, Barranco Velho, denominada «Alqueive», inscrita na matriz sob o artigo 8 816, direito que irá à praça por 9 640\$00. Loulé, 3 de Junho de 1974.

O ESCRIVÃO DE DIREITO
DA 2.ª SECÇÃO,

a) **João Maria Martins da Silva)**

Verifiquei.

O JUIZ DE DIREITO,

a) **Francisco António das Neves e Silva Pereira)**

JUNTE SELOS

RETA

TROQUE POR BRINDES

Habilitação Notarial

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

NOTÁRIO: LICENCIADO NUNO ANTÓNIO DA ROSA PEREIRA DA SILVA

Certifico, nos termos do art.º 97.º do Código do Notariado, que, por escritura de hoje, lavrada de fls. 82 a 83, do livro n.º C-76, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, que por óbito de Francisco da Silva Sequeira, ocorrido na freguesia de S. João Baptista, da cidade de Beja, aos 28 de Dezembro de 1973, residente no sítio de Corte Garcia, freguesia de Querença, concelho de Loulé, natural da mesma freguesia de Querença, casado com Maria do Brito Guerreiro ou Maria Guerreiro de Brito, actualmente sua viúva, natural da referida freguesia de Querença, residente no dito sítio da Corte Garcia, segundo o regime da comunhão geral de bens, em primeiras núpcias de ambos, que não deixou testamento, foi habilitado como seu único herdeiro legítimo, o seu seguinte filho legítimo: — Maria João Guerreiro Sequeira, solteira, maior por emancipação plena, natural da freguesia dita de Querença e residente no referido sítio da Corte Garcia.

Secretaria Notarial de Loulé, 6 de Junho de 1974.

O 2.º Ajudante,

a) **Fernanda Fontes Santana**

Charneca do Monte Seco - Loulé



AGRADECIMENTO



A FAMÍLIA
DE MARIA SENHORINHA

Profundamente sensibilizada, e na impossibilidade de o fazer directamente, por desconhecimento de moradas, vem por esta forma manifestar o seu vivo reconhecimento a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada, ou de qualquer forma lhe manifestaram o seu desgosto pela morte da sua saudosa extinta.

Justificação Notarial

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

NOTÁRIO: LICENCIADO NUNO ANTÓNIO DA ROSA PEREIRA DA SILVA

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º B-76, de fls. 85 a 87, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada hoje, na qual José Dias Damião, e mulher, Francisca Dias Viegas, residentes na Rua J. Pereira Sampaio Bruno, n.º 28, r/c, dt.º, da cidade de Portimão, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte prédio: rústico, constituído por terreno argilo-arenoso, de semear, com vinha e árvores, no sítio da Arrochela, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, confrontando do nascente com caminho, do norte com Manuel de Sousa Carranca, do poente com Francisco Gonçalves Rilhó, e do sul com José Gonçalves Henriques, omissos na Conservatória do Registo Predial deste concelho, e inscrito na respectiva matriz predial, em nome dele justificante varão, sob o artigo número três mil quatrocentos e vinte e quatro, com o valor matricial de três mil trezentos e sessenta escudos e o declarado de vinte e cinco mil escudos;

Que este prédio lhes pertence pelo facto dele justificante varão o haver comprado, por escritura de vinte e sete de Fevereiro de mil novecentos e setenta, lavrada de folhas dezoito a dezanove, do livro número A — quarenta e três, de notas para escrituras diversas, deste Cartório, pelo preço de vinte e cinco mil escudos, a José Luís dos Santos e mulher, Maria da Piedade ou Maria da Piedade Baguinho, residentes que foram no sítio do Cerro de Vale Judeu, freguesia de São Sebastião, concelho de Loulé;

Que atendendo ao disposto no artigo treze, número um do Código do Registo Predial, aquela escritura não é título suficiente para registo, mas a verdade é que os aludidos transmitentes, José Luís dos Santos e mulher, Maria da Piedade, na data daquela escritura eram proprietários do mesmo prédio, também com exclusão de outrem, porquanto: a) a dita Maria da Piedade, por escritura de um de Março de mil novecentos e vinte e quatro, lavrada a folhas cinquenta e quatro, do livro número cento e cinco, de notas para ac-

tos e contratos entre vivos, do falecido notário que foi desta comarca, Bacharel João Augusto de Melo e Sabo, cujo arquivo transitou para a antiga secção desta Secretaria, actual Primeiro Cartório, comprou a Joaquim Gonçalves Carapetinho e mulher, Gertrudes Raposinho, então residentes no sítio dos Cavacos, da povoação e freguesia de Quarteira, deste concelho, — metade indivisa de um prédio maior, constituído por uma courela de terra arenosa de semear, com vinha e árvores, no sítio da Arrochela, da dita freguesia de Quarteira, devidamente identificado nessa mesma escritura; — e porquanto: b) em data imprecisa, mas que sabem ter sido por volta do ano de mil novecentos e vinte e cinco, foi adjudicado aos referidos transmitentes, José Luís dos Santos e mulher, como prédio distinto, o prédio supra descrito, agora propriedade deles justificantes, em pagamento da quota ideal de metade que possuíam no prédio de origem, anteriormente descrito, numa divisão e demarcação amigável, extrajudicial e nunca reduzida a escritura pública, efectuada com os demais comproprietários da outra metade, do referido prédio de origem.

Que desde a data desta divisão e demarcação até vinte e sete de Fevereiro de mil novecentos e setenta, data em que eles justificantes o adquiriram, portanto, durante mais de trinta anos, sempre o prédio supra descrito foi possuído pelos alienantes, Maria da Piedade e marido, José Luís dos Santos, em nome próprio, sem a menor oposição de quem quer que fosse, sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo por isso a sua posse pacífica, contínua e pública, pelo que na data da referida escritura de vinte e sete de Fevereiro de mil novecentos e setenta, também já o haviam adquirido por usucapião.

Que em face do exposto, não lhes é possível comprovar pelos meios extrajudiciais normais, a aquisição feita pelos referidos transmitentes do prédio supra descrito e então vendido.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 7 de Junho de 1974.

O 2.º Ajudante,

a) **Fernanda Fontes Santana**

EM SANTA MARGARIDA
ALUGA-SE

Um estabelecimento c/ mercearia, taberna e casa de habitação anexa. Tem pomar, horta e outros rendimentos. Nesta redacção se informa.

A melhor qualidade ao melhor preço.

Visite o

Mercado Amazona

Para mobílias e adornos

PREFIRA A

CASA SIMÃO

(A MOBILADORA)

Telef. 62110

LOULÉ

Carimbos

Faça as suas encomendas na Gráfica Louletana — Tel. 6 25 36.

Justificação Notarial

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

NOTÁRIO: LICENCIADO
NUNO ANTÓNIO DA ROSA
PEREIRA DA SILVA.

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º C-76, de fls. 127, v. a 129, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada ontem, na qual Filipe Murta Farias e mulher, Serafina Dias Mendes Murta, residentes na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, do seguinte prédio: rústico, constituído por uma courela de terreno arenoso de semear, com árvores, no sítio do Semino, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, confrontando do norte com Manuel de Brito, do nascente com Júlio Rosa, do sul com Domingos de Sousa e outros e do poente com Genoveva de Brito, omissos na Conservatória do Registo Predial deste concelho, e inscrito na respectiva matriz predial, em nome de Gertrudes Rodrigues, de quem eles justificantes o adquiriram, sob o artigo número sessenta e sete, com o valor matricial de seiscentos e oitenta escudos e o declarado de seis mil escudos.

Que este prédio lhes per-

tence pelo facto do mesmo haver sido comprado à referida Gertrudes Rodrigues, solteira, maior, residente que foi no sítio do Pinheiro, freguesia de São Clemente, concelho de Loulé, pelo preço de dois mil e quinhentos escudos e pelo justificante varão, em data imprecisa, mas que sabem ter sido por volta do ano de mil novecentos e quarenta, por mero contrato verbal, nunca reduzido a escritura pública; — sendo também certo.

Que desde a referida data, portanto, há mais de trinta anos sempre eles justificantes vêm vindo a possuir o prédio supra descrito e então adquirido, em nome próprio, sem a menor oposição de quem quer que fosse, desde o seu início, posse sempre exercida sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo, por isso, a sua posse pacífica, contínua e pública, pelo que também o adquiriram por usucapião.

Que em face do exposto, não têm eles justificantes possibilidade de comprovar o seu direito de propriedade perfeita, sobre o aludido prédio, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 25 de Junho de 1974.

O 2.º Ajudante,

a) **Fernanda Fontes Santana**

«Joaquim & Fernando, L.ª»

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

NOTÁRIO: LICENCIADO NUNO ANTÓNIO DA ROSA PEREIRA DA SILVA

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de ontem, lavrada de fls. 73 a 74, v. do livro n.º B-76, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Joaquim Eusébio Diogo e Fernando Carlos Vieira Gaspar, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «Joaquim & Fernando, Limitada», tem a sua sede na Rua Vasco da Gama, da povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje;

Segundo — O seu objecto consiste na exploração da indústria e comércio de restaurante, cervejaria e café, podendo a sociedade explorar outro ramo de negócio, em que os sócios acordem e seja permitido por lei;

Terceiro — O capital social, inteiramente realizado em dinheiro, já entrado na caixa social, é de cinquenta mil escudos, e corresponde à soma de duas quotas iguais, de vinte e cinco mil escudos, uma de cada sócio;

Quarto — 1. A gerência da

sociedade, dispensada de caução, será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral;

2. Para obrigar validamente a sociedade são necessárias as assinaturas de dois sócios gerentes, podendo, no entanto, os actos de mero expediente ser assinados só por um.

3. Fica vedado aos gerentes obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes;

Quinto — 1. É livremente permitida entre os sócios a cessão de quotas, no todo ou em parte.

2. A cessão a estranhos fica dependente de prévio consentimento da sociedade, à qual é reservado o direito de preferência em primeiro lugar e aos sócios em segundo.

Sexto — Quando a lei não exigir formalidades especiais, as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por carta registada dirigida aos sócios, com a antecedência mínima de oito dias.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 30 de Maio de 1974.

O 2.º Ajudante,

a) **Fernanda Fontes Santana**

Décimo Cartório Notarial de Lisboa

A CARGO DO NOTÁRIO LIC.
ABÍLIO ANTÓNIO BELO TAVARES CADETE

CERTIFICO, que por escritura de 7 de Junho de 1974, lavrada de folhas 72 v. a 74, do livro B-106, de escrituras diversas deste cartório, procedeu-se à habilitação por óbito de QUITÉRIA DE FÁRIA JUDICE SAMORA PONTES, que também usava QUITÉRIA JUDICE PONTES DIAS, natural da freguesia e concelho de Albufeira, falecida em 3 de Abril de 1973, no Hospital da Misericórdia de Faro, concelho de Faro, no estado de casada em primeiras núpcias dele e segundas dela com Joaquim Nogueira sob o regime de comunhão geral de bens, actualmente viúvo, a qual teve residência habitual no sítio da Artorta, Boliqueime, concelho de Loulé.

Que a falecida não fez testamento ou qualquer outra disposição de última vontade, tendo deixado como únicos herdeiros seus filhos legítimos, a saber: a) IVONE JUDICE PONTES TEIXEIRA DIAS DE SOUSA, casada com José Dias de Sousa sob o regime de comunhão geral de bens, natural da freguesia de Salir, concelho de Loulé, com residência habitual na Rua do Malpique, número 8, 2.º, Esquerdo, em Lisboa; b) MARIA DE LOURDES JUDI-

CE PONTES TEIXEIRA DIAS COSTA, casada sob o regime de comunhão geral de bens com António Dias Costa, natural da freguesia de Salir, já referida, com residência habitual na Avenida Vinte Cinco de Abril, lote vinte dois-vinte e três, quinto andar — A, em Portimão; e, c) MARIA ANTONIETA JUDICE PONTES DIAS, casada sob o regime de comunhão geral de bens com João de Deus Marim Costa, natural da mencionada freguesia de Salir, onde reside habitualmente — (estes filhos havidos do seu primeiro casamento com Inácio Pires Teixeira Dias); e, d) JOAQUIM JOSÉ JUDICE SAMORA PONTES NOGUEIRA, casado com Maria Fernanda Ruivinho Fantasia Nogueira sob o regime de separação de bens, natural da freguesia e concelho de Albufeira, com residência habitual no sítio da Artorta, Boliqueime, concelho de Loulé, (este havido do seu segundo casamento com Joaquim Nogueira).

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL, na parte extractada, nada havendo em contrário ou além do que nesta se narra e transcreve.

Lisboa, catorze de Junho de mil novecentos e setenta e quatro.

O ajudante,

a) **Maria Luísa Galveias Andrade**

O problema do Divórcio

● Continuação da 1.ª pág.

é preciso percorrer ainda para que sejam estabelecidas as normas que a justiça considerará essenciais à concretização do divórcio, talvez fosse caso para propor ao Governo que estudasse a concessão agora e, a título excepcional, do divórcio a todos os indivíduos que quizessem reque-
re-lo... desde que estivessem separados de pessoas e bens há mais de 10 anos.

Desta forma, e para já, muitas pessoas poderiam legalizar a sua vida, acabando com a humilhante situação de tantos filhos de pai incógnito.

Embora reconheçamos os inconvenientes da existência da Lei do Divórcio consentido pela Igreja, a verdade é que cada vez mais os jovens evitam casar pela igreja, do que resulta contraproducente uma medida que pretende vincar os laços sacramentais do casamento.

Por este e outros motivos, apoiamos a campanha iniciada no Algarve pelo sr. Paulo Vieira, de que há pouco recebemos a seguinte circular:

RENASCE A ESPERANÇA!

Integrado na campanha nacional pró-divórcio, com consequente revisão da concordata, continua a aumentar, dia a dia, o movimento global que há tempos se esboçou no país com a finalidade de apresentar ao Governo da Nação, petição nesse sentido.

Relembramos que há centenas de casos na nossa província e que só o conhecimento directo dos mesmos, sem falsos pudores a escondê-los, poderá ter efeito positivo na abolição de uma le-

gislação anacrónica e limitativa de um dos mais sagrados direitos humanos: a liberdade individual.

Erguer um clamor inísono contra essa injustiça é um dever de todo o cidadão consciente! Lembremo-nos que a união faz a força e que essa força só se tornará efectiva com a colaboração de todos.

Desejando que a lista a apresentar seja o mais representativa possível e tentando englobar consequentemente o maior número de interessados, pede-se a todas as pessoas do Algarve que se integrem na adesão ao programa nacional que o transmitam a Paulo Vieira — Apartado 93 Faro (tel. 2 22 94, depois das 21 horas).

**CENTRO
DE
TURISMO E INFORMAÇÃO
DA
CASA DO ALGARVE
EM
LISBOA**
Aberto todos os dias úteis
das 14,30 às 19,30
Telef. 32 32 40

Lembre-se! um fósforo
ou uma ponta de cigarro
Podem ser o princípio...
De uma Desgraça!

Pedro de Freitas

● Continuação da 2.ª pág.

lá que recebeu da Providência através dos Países, os talentos que pela vida fora tem demonstrado possuir em grau tão elevado».

— Do Cónego Dr. José Augusto Alegria (Évora)

«Ainda estava fresca a oferta dos «Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro», e caí na caixa do correio mais um volume seu — «Quadros de Loulé Antigo»! Repositório de crónicas suculentas, de factos históricos, de descritivos paisagísticos, de tipos populares. Hei-de lê-los aos poucos, já que esta vida afadiga dum médico pouco tempo nos deixa livre para os deleites da leitura. E vendo tudo, e a maneira afectuosa como trata todos os assuntos, faz-me quase pena de eu não ter nascido em Loulé!!! E que Vila... Deus permita que não me esqueça de o felicitar pelos seus 80!! Que bonita idade com tão bom espírito e tão bela forma física!!»

— Do Dr. Luís Cabral Adão (Almada)

«Quadros de Loulé Antigo». Li-o da primeira à última linha. E embora não louletano, admiro não apenas o amor acrisolado à terra de que é honroso filho mas, mais ainda, a tenacidade, o amor, o entusiasmo sem quebranto em que esse amor se manifesta — e durante uma vida inteira.

E ainda que o autor não pergunte se os leitores gostaram (p. 351), eu respondo que não apenas gostei, mas delirei-me. Estou que aquela nota final (p. 356), de intensa melancolia, haverá de ser negada, porque a idade atinge o físico, mas poupa o espírito — e é esse, o caso. Que prazer lermos descrições históricas, referências a factos passados, por quem os viveu e viu intensamente.

Veja-se, por exemplo, a minúcia e a beleza no retrato do episódio do achado e da lição de integridade moral, a p. 168/167; a referência ao que era o respeito pelos pais (p. 174) e até o horário das refeições, a que eu fui ainda habituado (mesma p.); o desenrolar, ao jeito persuasivo, do episódio do medo (p. 185/199), sobretudo o realismo da nota final; a história, tão característica e tão conhecida dos velhos, com eu, da variante do caminho de ferro de Loulé (p. 207/240); a recordação da gloriosa visita (de que o meu Amigo foi a «alma») do Batalhão «Sempre Fixe» a Loulé, e tantos outros passos.

E tudo isto da autoria de um ilustre e devoto louletano, mas, para mim, mais, do antigo companheiro e dedicado colaborador nas lides ferroviárias.

Como não hei-de estar imensamente grato? Tão grato, que me pareceu forma de exprimir esse meu agradecimento solicitar ao também «Irmão 607 de Santa Casa da Misericórdia e Hospital de Nossa Senhora dos Pobres, de Loulé», uma vez que a edição e a propriedade literária do trabalho foram magnanimamente oferecidas pelo autor, que faça entregue à mesma Santa Casa da importância que, por vale do correio, depósito nas suas mãos — com uma condição, a de que de nenhum modo seja identificável a minha pessoa, salvo pela simples indicação de «um ferroviário amigo». (A dádiva ao Hospital a que se refere o ilustre Catedrático, foi de MIL ESCUDOS).

— Do Dr. João Faria Lapa (Professor Catedrático) (Lisboa).

A tão ilustres autores e à generosa dádiva ao Hospital, já fora do tempo em que o livro em tal sentido dizia respeito, os agradecimentos do louletano muito reconhecido.

PEDRO DE FREITAS



CONTRA A NATUREZA

Mário Castrim disse um dia no «Canal da Crítica» (Diário de Lisboa, 22/6/72): «Os escritores podem ser reaccionários ou fascistas: nunca produzirão arte se para as suas criações transportarem o seu fascismo, o seu reaccionarismo ou seja: a sua tendência contra as forças em cujo ventre se gera o futuro. Uma arte reaccionária, uma arte fascista eis aqui dois termos que não poderão nunca fazer vida em comum. São contra a natureza».

Repetiremos nós agora, passados dois anos sobre as palavras de Mário Castrim, que se tornam particularmente graves quaisquer acções contrárias às forças «em cujo ventre se gera o futuro», quando essas forças romperam com o passado opressor e são já o presente que se liberta. Porque tudo o que é vida e movimento está em combate com o seu contrário — logo a arte da liberdade só pode estar na posição oposta à arte do fascismo.

No tribunal da consciência, em que todos somos juizes e culpados, a causa da justiça deverá sobrepor-se sempre aos nossos interesses particulares. E se alguma vez nos deixámos enleiar no cantar das sireiras, não façamos agora como Ulisses que mandou tapar os ouvidos para resistir ao canto. Os mitos são para destruir — cantem eles como cantarem. E chegada a hora de aniquilarmos as vozes contrárias à natureza — porque temos de assumir um rosto verdadeiramente humano. Sem mais demoras, que o tempo é breve.

MANUEL SEQUEIRA AFONSO

LOULÉ tem uma nova rua

Após difíceis e muito trabalhosas diligências que se prolongaram por longos anos, a Câmara de Loulé conseguiu finalmente rasgar uma nova rua na freguesia de S. Sebastião.

Ficou assim assegurada uma ligação condigna para a escola do Serradinho e mais desafogada e bonito o Largo de S. Francisco. Além disso, Loulé fica dispendo de uma nova zona urbanizável, pois até sabemos que entrou já na Câmara de Loulé um projecto destinado a implantar naquela zona um Bairro residencial.

Esta urbanização foi, durante muitos anos, um sonho do sr. Fernandes que faleceu sem nada ter conseguido fazer ali. Era nesta sua propriedade que se pensou construir a Escola Técnica, mas o Vereador que contactou com o sr. Fernandes teve esta saída: «Peça dinheiro. Quanto mais pedir mais lhe dão». Claro que o objectivo foi alcançado... para justificar a Escola no Parque.

A futura urbanização é de iniciativa dos herdeiros do sr. Fernandes.

Oxalá em breve a freguesia de S. Sebastião se valorize com a construção de novas casas.

Não estraguem

• Continuação da 1.ª pág.

nhar mais... trabalhando menos...

Quer dizer: as pessoas já não se contentam em ganhar mais para equilibrar a subida do custo de vida, querem, simultaneamente trabalhar menos... para gastarem em diversões o excesso salarial.

Isto até estará tudo certo, porque a distração faz falta à vida: só que não se percebe tamanha urgência em resolver numa semana, situações que as pessoas aguardaram durante 48 anos.

E se é preciso construir um país de novo, parecem-nos que não é repousando cada vez mais que vamos lá...

Contribuições e Impostos

Para conhecimento dos interessados se esclarece que, durante o mês de Julho, estão a pagamento as seguintes contribuições e impostos:

Contribuição Industrial do Grupo A (liquidação provisória) de 1973; Contribuição Predial (liquidação definitiva) de 1973; Imposto Profissional de 1973.

Cocktail Teacher's

Organizado pelos Est.º Teófilo Fontainhas Neto e pela firma Wm. Teacher & Sons, Ltd. da Escócia, realizou-se há dias no Hotel Baltum, em Albufeira, um «Cocktail Teacher's», que teve a colaboração da Delegação do Algarve do Clube de Barmen de Portugal.

Durante esta simpática reunião de confraternização, o sr. Cabrita Neto, agradeceu a presença de todos e o sr. J. Oliver, saudou os presentes e na oportunidade ofereceu à Delegação do Clube de Barmen de Portugal um troféu comemorativo do magnífico 2.º lugar que os Barmen do Algarve, em representação de Portugal, conseguiram no Campeonato do Mundo realizado em Los Angeles (U.S.A.), pedindo ao sr. Cabrita Neto para entregar cópias dos troféus aos três membros da equipa portuguesa, respectivamente, Tony Fernandes, António Traquete (Tóto) e Mário Inocência, que devido ao serviço militar não se encontrava presente, tendo o sr. Jorge Moniz Pereira recebido em seu nome o troféu.

Atenção Automobilistas os «ratos» de automóveis chegaram a Loulé

Visitantes indesejáveis têm vindo a Loulé roubar automóveis e levam-nos a «passear» para outras localidades.

Alguns dos carros roubados já têm aparecido... em misero estado.

E de aconselhar, portanto, todas as medidas de segurança possíveis a fim de dificultar a vida aos que pretendem «gozál-la» a custa dos outros.

Oxalá a rigidez da Lei seja implacável contra uma praga de indivíduos cuja malvadez supera a habilidade das suas perigosas manobras.

...E tão perigosas que muitas vezes provocam horribéis desastres na precipitação da fuga.

Aliás isso aconteceu mais uma vez, há bem poucos dias, com um carro roubado em Loulé.

«A VOZ DE LOULÉ»

V E N D E - S E

Na CASA ALEIXO

L O U L É

FADO DA RUA ROUBADA

Eu venho cantar o fado
E trago algumas cantigas...
São cantigas de um passado
De mentiras e intrigas...

Eram lares devassados,
Perseguições e prisões...
Eram os pobres roubados
E agraciados os ladrões!

Era assim o «Estado Novo»,
Esse estado de aldrabões
Que amordaçavam o Povo
Protegendo os «tubarões»!

Avenida-cobra em Loulé...
Rua roubada em Quarteira...
E foi sempre o pobre Zé
A sofrer a roubalheira!

Em Quarteira, em desalinho,
Há suspensas... tudo é novo!
Elimina-se um caminho...
Rouba-se uma rua o Povo!

«Vão roubar para uma estrada»!
Era o que se ouvia outrora.
Uma estrada foi roubada...
Ouve-se em Quarteira agora!

Um caminho eliminado!
Uma rua eliminada!
E o Povo ficou roubado...
— Vão roubar para uma estrada!

E preciso abrir de novo
A rua que foi roubada!
Não se rouba assim o Povo!
— Vão roubar para uma estrada!

O leproso «Estado Novo»,
De vampiros-tubarões,
Sugava o sangue do Povo
Para alimentar os ladrões!

O Povo foi libertado!
Foi libertada a verdade!
O medo foi escuraçado...
E é mais livre a Liberdade!

Quarteira, Maio de 1974.

F. S. I.

Já lá vai morto o ladrão...

Já lá vai morto o ladrão que o grande Aleixo cantou:

«Já lá vai preso o ladrão

Que em toda a parte aparecia».

Com efeito, Manuel Domingos Louzeiro (nascido em 1903, em Alfeição (Loulé), filho de José Domingos e de Maria da Conceição), a quem António Aleixo dedicou uma das suas admiráveis poesias, apareceu morto numa propriedade perto de Salir, onde a G.N.R. compareceu para as necessárias averiguações.

O cadáver daquele a quem chamaram «Lampeão» (e que há vários dias se encontrava no local onde jazia), estava vestido pobremente, pois Manuel Domingos, velho e alquebrado, mendigava o pão de cada dia.

Dele cantou Aleixo:

«Plas coisas que o povo diz para uns, terrível bandido, para outros, grande infeliz...»

E, mistério sendo em vida, assim continuou na morte o pobre Louzeiro, que, ainda segundo a palavra de Aleixo, era o «autor» de todos os roubos que os outros faziam... o que não será talvez caso único nesta vida!

Que os homens possam, finalmente, resgatar todos os Louzeiros, de modo a que os olhos perspicazes dos poetas não tenham de continuar a denunciar as injustiças sociais, como a seguir se demonstra:

«Por alguns sítios passava onde há só gente honradinha que roubada à vontade e que ninguém acusava. Tudo Domingos pagava e ele às vezes nem sabia que à sua sombra vivia gente que passa por justa fazendo crimes à custa dos roubos que ele fazia.»

Faleceu o nosso conterrâneo e antigo presidente da Câmara de Loulé

Francisco Guerreiro Barros

Faleceu há dias em Faro o nosso prezado amigo, conterrâneo e assinante sr. Francisco Guerreiro Barros, que contava 81 anos de idade e que durante cerca de 20 anos desempenhou as funções de Chefe da Secretaria do Liceu de Faro.

Frequentou o Seminário e as Escolas Primária Superior e do Magistério Primário e foi activo comerciante de frutos secos, actividade a que se dedicou com muito entusiasmo, vivendo e sentindo os seus problemas.

Como presidente das Câmaras de Faro e de Loulé revelou vigorosas qualidades de inteligência e dinamismo, servidas por um carácter forte e empreendedor.

Ocupou ainda, o cargo de Presidente do Grémio dos Exportadores de Frutos e Produtos Hortícolas do Algarve, foi o primeiro presidente do Rotary Clube de Faro e fez parte da direcção da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito.

Era casado com a sr.ª D. Adélia Urbana Frias de Barros e pai da sr.ª D. Maria Adélia Barros Fonseca, casada com o sr. Eng.º Humberto Duarte Fonseca e residente em Luanda, e dos srs. Dr. Francisco Barros Guerreiro, há anos falecido, casado com a sr.ª Dr.ª D. Maria Helena Barros Guerreiro, também residente em Luanda, e Arquitecto Armindo Guerreiro de Barros, residente em Lisboa; avô das sr.ªs D. Maria José Guerreiro Chagas, D. Maria Ema de Barros Guerreiro, aluna da Escola Superior de Belas Artes, e D. Ana Maria Barros Fonseca, estudante universitária, e dos srs. Eng.º Francisco Manuel de Barros Guerreiro e José Pedro de Barros Duarte Fonseca e João Filipe de Barros Duarte Fonseca, estudantes liceais: irmão da

sr.ª D. Maria do Carmo Barros Pontes, residente em Lisboa; cunhado dos srs. Contra-Almirante João Baptista de Barros, Major Francisco José de Barros, Eng.º José Frias de Barros, José Martins Pontes e Arnaldo Alexandre, todos já falecidos.

A família enlutada endereça-mos sentidas condolências.

Uma Comissão Administrativa para a Câmara de Loulé

No prosseguimento de uma política de democratização do País que a Junta de Salvação Nacional entendeu estender a todos os níveis da governação pública (desde Ministros até às Juntas de Freguesia), já tomaram posse no Algarve as comissões Administrativas dos concelhos de Faro, Albufeira, Portimão, S. Brás de Alportel e Silves, estando já indicadas outras que substituirão as Câmaras nomeadas pelo antigo regime.

Na Câmara de Loulé cessaram já as suas funções os srs. Presidente, Vice-Presidente (tendo o sr. Manuel Farrajota Martins assumido as funções de Presidente por ser o Vereador mais antigo).

A C.D.E. de Loulé propôs para a Comissão Administrativa da Câmara de Loulé os seguintes srs. João Barros Madeira, Médico (Presidente), Francisco Bota Inês (Médico), António Maria Andrade e Sousa (Comerciante), João dos Santos Simões (Tipógrafo), José Cabrita Cortes (Comerciante), José Manuel Martins Centeio (Regente Agrícola), Bruno Adílio Coelho (Tipógrafo), Celestino Bota (Profissional de Seguros), e Joaquim da Silva (Comerciante).

Eleições Municipais em Outubro?

• Continuação da 1.ª pág.

tido) para o **rebastecimento da autoridade do Governo Provisório.**

Salienta o comunicado: «Um dos perigos que pode afectar o processo de democratização em curso é a institucionalização do provisório justamente porque a democracia só pode resultar da prática da democracia». E fundamenta: «é preciso notar que a democracia não pode resultar da institucionalização de medidas provisórias de saneamento. A única legitimidade de organismos colectivos só pode ser a legitimidade democrática, isto é, a que resulta de eleições livres e honestas».

E mais adiante: «O Partido Socialista reclama que sejam imediatamente institucionais as liberdades fundamentais de uma democracia (liberdade de reunião, associação, expressão, direito à greve, etc.) e é contrário a expedientes de ocasião, que não tomem na devida consideração as tarefas primordiais da democracia em Portugal, atentas as suas condições concretas».

A Comissão Directiva do Partido Socialistas na sua reunião de 18 do corrente deliberou, por unanimidade, reclamar a realidade rápida de eleições democráticas e populares em todas as Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia do País. Realização rápida, o mais tardar em Outubro do corrente ano. Eleições democráticas e populares, o que impõe a imediata renovação do recenseamento e definição de um regime eleitoral democrático».

CONTRASTE

«Spínolistas à pressão»

O número 515 de «A Voz de Loulé» publicado em 5 de Junho do ano passado, transcreveu na 1.ª página, em destaque, a seguinte afirmação do general Spínola:

«Permanência e continuidade sim; mas para tanto é preciso estar-se no mundo, e estar no mundo é acompanhá-lo nas suas mutações».

Sendo Spínola, naquela data, uma personalidade de que pouco, ou mesmo nada, se falava na Imprensa regional, ocupando apenas as atenções da chamada grande Imprensa, o facto de termos dado, em síntese, o pensamento do general fez com que fôssemos, então, apelidados do «colonialistas», «aduladores de criminosos de guerra» e mimoseados com outros tão «expressivos» epítetos.

A moral da história, como sói dizer-se, é afinal muito simples: aqueles que ontem nos criticam dizem-se hoje «ferrenhos spínolistas» — esquecendo deliberadamente a ida que fizeram ao alfaite no dia 26 de Abril, por causa da cor (marcellista) de casaca...

— Contraste. Sempre o contraste...

VIRIATO TRISTÃO